



**O ESPAÇO URBANO
E O SAMBA:**

**AFROPERSPECTIVAS PARA APLICAR O
PLURIVERSO DO SAMBA COMO
FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

**Ana Brisa Cosmo de Castro
Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva**



O ESPAÇO URBANO E O SAMBA:

**AFROPERSPECTIVAS PARA APLICAR O
PLURIVERSO DO SAMBA COMO
FERRAMENTA PEDAGÓGICA**





O ESPAÇO URBANO E O SAMBA:

**AFROPERSPECTIVAS PARA APLICAR O
PLURIVERSO DO SAMBA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

**Ana Brisa Cosmo de Castro
Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva**

**Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração - NEPE
Universidade do Estado do Rio de Janeiro Instituto de Aplicação
Fernando Rodrigues da Silveira - CAp-UERJ
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica**





UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Educação e Humanidades (CEH)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica
(PPGEB)

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos

Vice-coordenadora do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenador de Editoração: Alexandre Xavier Lima

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva

Diretor do CAp-UERJ: Mônica Andrea Oliveira Almeida

Vice-diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
(NEPE):

Juliana Prata

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Xavier Lima

Deborah da Costa Fontenelle

Elizandra Martins Silva

Juliana de Moraes Prata

COMISSÃO CIENTÍFICA

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)

Angélica Maria Reis Monteiro (U.PORTO)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CP II)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

BANCA EXAMINADORA

Lincoln Tavares Silva (orientador) – UERJ

Alexander Josef Sá Tobias da Costa (examinador interno) – UERJ

Rogério Mendes de Lima (examinador externo) – CPII





Design de capa e diagramação: Pedro Lucas da Silva Rimes e Ana Brisa Cosmo de Castro

Design do jogo das memórias: Tales Borges do Nascimento

Revisão: Annah Bárbara Santos

Copyright © 2024 - Todos os direitos desta edição reservados a Editora CAP-UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S729	Castro, Ana Brisa Cosmo de
	O espaço urbano e o samba: afroperspectivas para aplicar o pluriverso do samba como ferramenta pedagógica. / Ana Brisa Cosmo de Castro, Lincoln Tavares Silva. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2024. 85 p. : il.
	Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ. ISBN: 978-65-81735-76-0
	1. Geografia. 2. Samba. 3. Afroperspectivas. I. Silva, Lincoln Tavares. II. Título.
	CDU 372.891

UERJ/REDE SIRIUS/[CAP/A](#)

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

2024

1º Edição

Editora CAP-UERJ

Rua Barão de Itapagipe, 96

Rio Comprido – RJ CEP 20.261-005

<http://www.cap.uerj.br/site/>





**Acesse nosso material
usando o QR code**





APRESENTAÇÃO

Caro(a) leitor(a), este e-book tem como objetivo auxiliar alunos e professores a explorarem temas relacionados à cidade e à geografia urbana com o uso do samba. O samba é um instrumento de crônica do espaço urbano com base nas afroperspectivas de homens e mulheres negras que vivenciam a cidade a partir de experiências de racismo, marginalização, desemprego e violência de gênero, e que carregam a ancestralidade africana como esteio da resistência ao racismo estrutural e estruturante da sociedade brasileira.



Discutir geografia através do samba, do rap, do funk são possibilidades de entender o espaço geográfico a partir do olhar, do gingado, da poesia, do modo de vida das populações negras e periféricas que são grande parte dos nossos estudantes. Neste material pedagógico trabalharemos o samba a partir de uma visão ampla considerando a música, a história, a estética, os ritmos originários, a espiritualidade, a dança, origem do samba e a biografia dos sambistas.

Para possibilitar um olhar decolonial assumimos um posicionamento teórico baseado na filosofia afroperspectivista, elaborado pelo filósofo Renato Nogueira, que aborda paradigmas afrocêntricos da localização psicológica e da agência a partir da África. A África que propomos como referência não se trata de uma “África mítica” ou idealizada, mas aquela diversa que se espalhou pelo mundo a partir da diáspora forçada (tráfico humano) no período da escravização. Esta África está presente nas nossas práticas cotidianas e, também, no samba, na capoeira, na dança, no dribble entre outras expressões culturais negras.





Para conseguir atingir uma visão espacial em afroperspectiva, iniciamos nossa jornada com a ajuda dos valores civilizatórios afro-brasileiros, para que no fim desta sequência consigamos capturar o interesse do alunado na produção de uma visão da cidade a partir dos seus mais diversos produtores. No intuito de colaborar para a atividade inicial, recorreremos aos valores civilizatórios afrobrasileiros sistematizados pela educadora Azoilda da Trindade, a saber: oralidade, religiosidade, energia Vital (Axé/Nguzo/Moyo), corporeidade, ludicidade, musicalidade, memória, ancestralidade e comunitarismo.



As afroperspectivas estão presentes em filosofias, metodologias, conceituações e práticas elaboradas a partir do uso de heranças africanas. Por meio delas, “pequenas áfricas” se espalham pelo espaço urbano e podem ser identificadas a partir da existência de Valores Civilizatórios Afro-brasileiros corporificados em expressões culturais afrodiaspóricas. O objetivo das atividades é que os estudantes sejam capazes de identificar estruturas do espaço urbano que possuam referências africanas. O campo da geografia que trabalhamos foi a geografia urbana, que é conteúdo presente no currículo referencial da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, para o 2º ano do Ensino Médio, sendo um desdobramento da Base Nacional Curricular. Como competências vinculadas temos:

1- Analisar os processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

2- Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.





As atividades de cada objetivo desta unidade didática devem desenvolver as seguintes habilidades:



- Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos
- Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.
- Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.



Este e-book apresenta atividades destinadas a alunos do ensino médio e será testado com alunos do 2º ano. Posto isso, é fundamental a noção de que tais atividades possam ser complementadas, modificadas e adaptadas em outros contextos e para outros conteúdos. Também convido professores de Geografia para aplicar essas atividades de forma interdisciplinar, em conjunto com disciplinas como História, Sociologia, Literatura, Artes Visuais e Filosofia.





Sumário

Aula 1 - Diáspora africana: práticas e valores afroperspectivistas no cotidiano.....	10
Aula 2 - Jongo: o ancestral do samba.....	18
Aula 3 - As “pequenas áfricas” pelo olhar de Heitor dos Prazeres.....	30
Aula 4 - O Trem do Samba.....	42
Aula 5 - Do quilombo à favela.....	50
Atividade 1 - Jogo das Memórias.....	60
Aula 6 - Nossas “Pequenas Africas”.....	68
Atividade final - Mapa “Territorialidades em Afroperspectiva”.....	69
Minimanual de utilização do site/aplicativo Padlet.....	71
Considerações finais.....	78
Referências Bibliográficas.....	80



Aula 1 - Diáspora africana: práticas e valores afroperspectivistas no cotidiano



A diáspora africana é o conceito que expressa a dispersão forçada de milhares de africanos durante o período do tráfico transatlântico. Os indivíduos africanos foram sequestrados de seus povos, desterritorializados, batizados em outra religião, e com outros nomes, e enviados em tumbeiros para as Américas. Muitos africanos sequer resistiram à travessia. Ainda que não pudessem carregar muitos objetos nessa travessia rumo a desumanização nas Américas, a união de mais diversos povos, cosmopercepções, culturas, línguas e tradições em intercepção com europeus e povos indígenas formou o que hoje conhecemos como a cultura afro brasileira, baseada em conhecimentos ancestrais trazidos do continente africano, dos povos originários e dos próprios colonizadores. Em uma educação afroperspectivista é essencial evidenciar a preponderância da agência e a centralidade de africanos e africanos em diáspora na produção do espaço e da cultura. Para atingir uma visão espacial em afroperspectiva, iniciamos nossa jornada com a ajuda dos valores civilizatórios afro-brasileiros para contextualizar a produção do espaço das cidades a partir das narrativas dos sambistas.



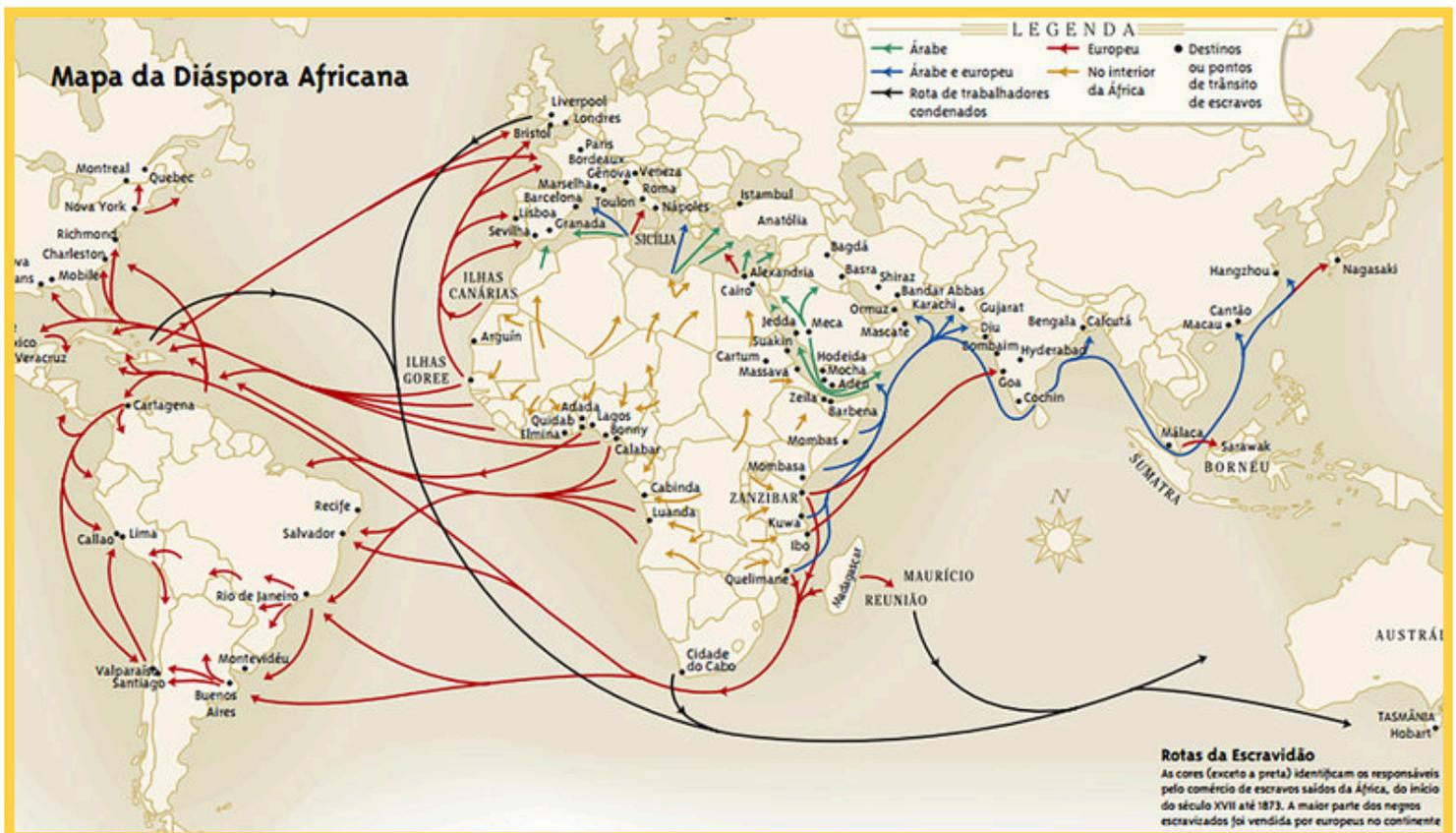


Objetivos: promover uma discussão sobre as heranças africanas no cotidiano a partir de valores civilizatórios afro-brasileiros. Utilizaremos os valores civilizatórios para apresentar outras percepções do espaço geográfico em afroperspectiva.

Conteúdos: Espaço e espacialidade a partir de Milton Santos; deslocamentos populacionais; heranças culturais materiais e imateriais.

Recursos: projetor ou material impresso, lápis e caneta.

Aplicação: 2 tempos de 50 minutos

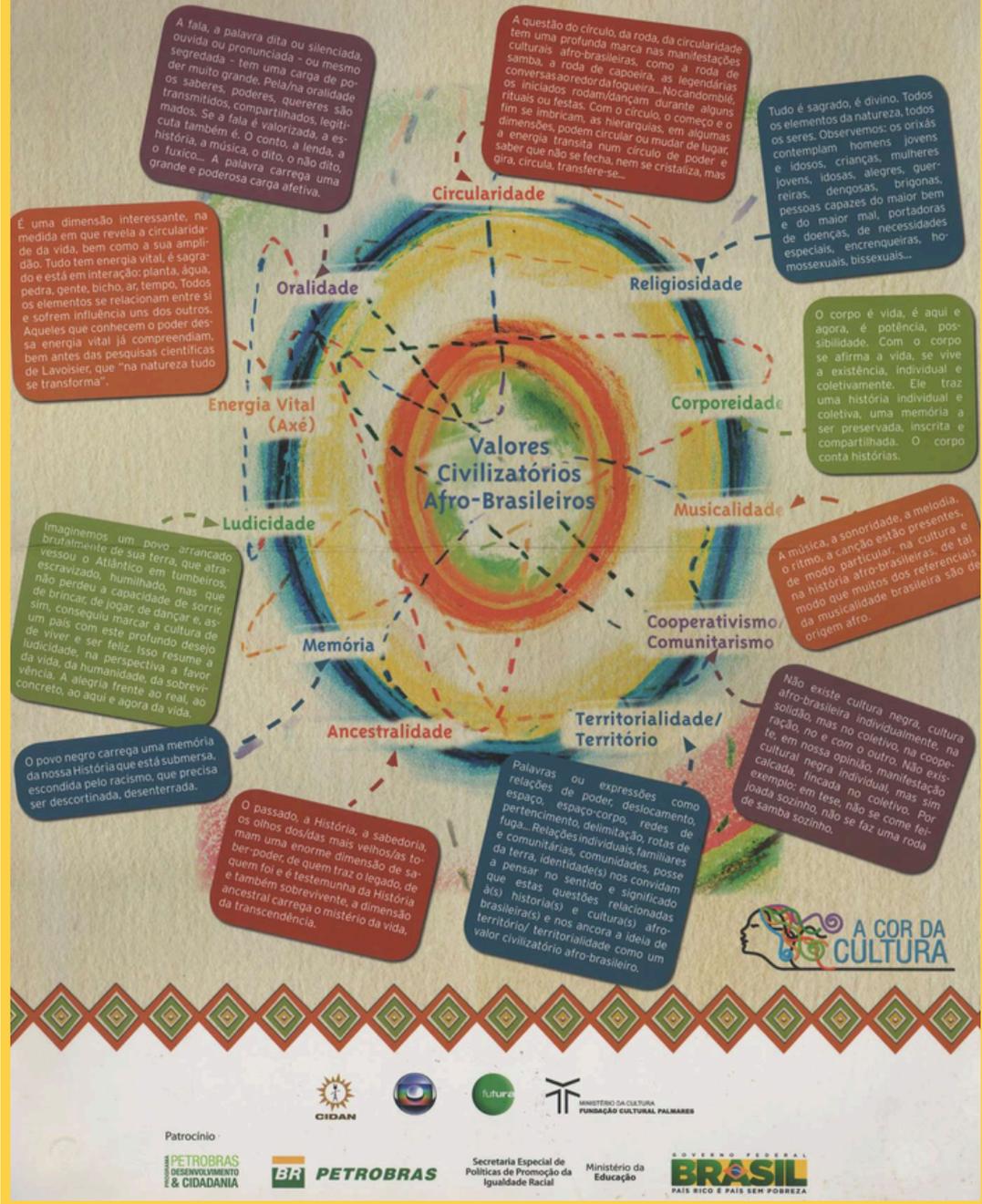


Mapa da diáspora africana do início do século XVII até 1873.

Fonte: A Cor da Cultura.



MAPA DE VALORES CIVILIZATÓRIOS



Disponível em: https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_002345



Procedimentos:

- 1- Organizar a sala em semicírculo. O semicírculo ajudará os estudantes a perceberem o potencial da roda como organização para discussão. Importante que o professor também esteja no círculo, horizontalizando a ideia de conhecimento e se colocando como aprendiz das experiências relatadas.
- 2- Apresentar o conceito de diáspora africana utilizando o mapa presente no projeto “A cor da cultura”. Apresentar e discutir com os alunos os valores civilizatórios afro-brasileiros no mapa dos valores civilizatórios relacionados ao samba e ao cotidiano dos estudantes.
- 3- Revisar o conceito de espaço, espacialidade, território e territorialidade. Trazer a noção de espacialidade a partir de Milton Santos é uma oportunidade de trazer um exemplo de intelectualidade negra na aula.
- 4- Projete a letra e escute por duas vezes a música “Bandeira da fé” de Martinho da Vila e Zé Catimba, interpretada por Luiz Carlos da Vila. Questione: Quais valores são possíveis de serem identificados na letra? Em quais territórios vocês identificam ações e valores? Estar organizado em círculo modificou a sua participação em relação ao conteúdo da atividade? Escreva no quadro os pontos abordados pelos alunos.



Bandeira da Fé - Zé Catimba e Martinho da Vila

Vamos

Levantar a bandeira da fé

Não esmoreçam e fiquem de pé

Pra mostrar que há força no amor

Vamos

Nos unir que eu sei que há jeito

E mostrar que nós temos direito

Pelo menos a compreensão

Senão um dia

Por qualquer pretexto

Nos botam cabresto e nos dão razão

Senão um dia

Por qualquer pretexto

Nos botam cabresto e nos dão razão

Pra lutar pelos nossos direitos

Temos que organizar um mutirão

E abrir o nosso peito contra a lei

Do circo e pão

E ao mesmo tempo cantar, sambar, amar, curtir

Só assim tem validade minha gente

Esse nosso existir

E ao mesmo tempo cantar, sambar, amar, curtir

Só assim tem validade minha gente, esse nosso existir

Por isso nós vamos



Fonte: <https://www.letras.mus.br/agepe/1757383/>



Referências

Materiais do Projeto “A cor da Cultura”

Infelizmente, o site oficial do programa não está mais no ar, mas alguns materiais dele são encontrados no Portal Geledés.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/plano-de-aula-kit-cor-da-cultura-para-professor/>



Azoilda Trindade



Azoilda Loreto da Trindade(1957-2015): foi uma educadora feminista e negra que se dedicou profundamente às teorias e práticas no âmbito da educação antirracista. Além de suas contribuições intelectuais nesse campo, ela também desenvolveu projetos, escreveu textos e livros. Sua militância foi marcada por diversas ações de grande importância para o movimento negro, incluindo sua participação fundamental na elaboração da Lei Federal 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história afro-brasileira nas escolas. Ela também liderou o projeto "A Cor da Cultura", o qual produziu materiais e ofereceu formações para professores da educação básica.

Renato Noguera



Renato Noguera: Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ele é professor no Departamento de Educação e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisador no Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas e coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias. Suas pesquisas abrangem as áreas de educação, com foco nos estudos das infâncias e com crianças, bem como nas filosofias africanas e indígenas. Entre suas obras, destaca-se "O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639" (Silva, 2015). Além disso, Noguera também é autor, dramaturgo e roteirista de histórias infantis

Aula 2 - Jongo: o ancestral do samba

O jongo é dança, música, batucada, é um culto aos ancestrais. O jongo, também chamado de caxambu, é considerado o pai do samba, por ser um dos ritmos que foram a base para a criação do samba urbano carioca. Não se sabe ao certo se o jongo foi criado na África ou no Brasil, entretanto evidências históricas apontam para a origem jongueira vir dos povos do tronco linguístico bantu.



No Brasil, os povos bantu foram levados principalmente em áreas rurais e o jongo nasce nessas áreas, principalmente na região do Vale do Paraíba, onde trabalhavam nos engenhos e produziam, apesar dos horrores da escravidão, arte, cultura e riquezas. Após a Lei Aurea em 1888, grande parte dos negros do Vale do Paraíba migram para o Rio de Janeiro e passam a viver em morros e periferias da cidade.

Um famoso ponto de jongo canta “vapor berrou na Paraíba, chora eu vovó/ fumaça dele na Madureira/ chora eu” composto por vovó Teresa, uma das primeiras ocupantes do Morro da Serrinha, relata a migração do Vale do Paraíba para a capital do Rio de Janeiro, e trouxe consigo a tradição do jongo que é uma das marcas da comunidade da Serrinha. A Serra da Misericórdia começou a ser ocupada no início do século XX por pessoas oriundas do Vale do Paraíba e da Zona da Mata Mineira, além de pessoas expulsas das áreas centrais da cidade pelas reformas urbanas e cidadãos locais que viviam na antiga região da Fazenda do Campinho.



¹O jongo é uma dança característica do Sudeste brasileiro praticada pelos afrodescendentes, herdeiros do patrimônio cultural de escravos das fazendas de café do Vale do Paraíba paulista e fluminense. Também há muitos registros de jongo no estado de Minas Gerais e Espírito Santo. Pode ser conhecida como caxambu ou tambu, dependendo da região. Essa manifestação faz parte do universo cultural dos escravos trazidos para o Brasil no século XIX da região Centro Ocidental da África – tratava-se de diferentes etnias africanas pertencentes, no entanto, a um mesmo grupo linguístico, o bantu. Ao serem trazidos para o Brasil, os africanos e seus descendentes ressignificam as suas experiências, valores e práticas festivas e religiosas para o tempo do cativo no Novo Mundo.” (ABREU; MATTOS, 2008.).

Os materiais pesquisados apontam o jongo como uma manifestação cultural vinculada aos bantos, embora também sejam encontrados registros de escravizados oriundos do Golfo da Guiné, integrantes do tronco linguístico yorubá, na região



Em 1923, jongueiros e sambistas fundaram o bloco de carnaval, o Prazer da Serrinha que, mais tarde, se tornaria uma escola de samba. Em 1947, alguns integrantes insatisfeitos com a gestão da Prazer da Serrinha fundam o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, na casa de Tia Eulália. Alguns dos ilustres fundadores foram Mano Décio da Viola, Aniceto do Império, Silas de Oliveira entre outros.

As mulheres como Tia Eulália, Maria Joana e Vovó Teresa, também tiveram participação ativa neste processo, mas apenas o nome de seus maridos está na ata de fundação da escola, em virtude do machismo da época. Por outro lado, o Império Serrano foi a primeira escola de samba a ter uma mulher na ala dos compositores no carnaval de 1965, Dona Ivone Lara.

Na década de 1970, o Mestre Darcy do Jongo, filho de Vovó Maria Joana, nutria uma grande preocupação com a continuidade do jongo nas gerações futuras e começou a ensinar as crianças e os jovens a “jongar”, o que tradicionalmente só era praticado pelos mais velhos. Percussionista e jongueiro, Darcy apresentou o jongo a todo o Brasil e foi responsável por inserir o agogô na bateria do Império Serrano. Em 1975 participou da fundação do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, com Candeia, Wilson Moreira e Nei Lopes.

Hoje o grupo cultural Jongo da Serrinha possui a Casa do Jongo, que oferece oficinas de jongo e percussão para as crianças da Serrinha. As novas gerações seguem jongando, sambando e produzindo territorialidades jongueiras de resistência rememorando a cada roda de jongo a tradição dos ancestrais bantos.

(Texto baseado no livro Serra, serrinha, serrano: o império do samba

VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio. Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.)





Objetivos: discutir o conceito de ancestralidade. Debater como percebemos a ancestralidade negra no patrimônio material e imaterial no espaço urbano.

Conteúdos: desterritorialização e reterritorialização, identidade, êxodo rural.

Recursos: TV , Mapa do Rio de Janeiro e Mapa da Diáspora Africana.
Aplicação: 2 tempos de 50 minutos





Procedimentos:

- 1- Assista o vídeo “O jongo - ocupação Dona Ivone Lara”
<https://www.youtube.com/watch?v=aQiwAvtJmT0>



A jongueira Tia Maria do Jongo e a coordenadora de projetos sociais do Grupo Cultural Jongo da Serrinha, Dyonne Boy, falam sobre seus primeiros passos na tradição dessa dança e música de origem africana e sobre o início do grupo. Além disso, Tia Maria canta alguns pontos de jongs com Lazir Sinval, diretora artística do grupo Jongo da Serrinha. Neste vídeo traremos a oralidade e a ancestralidade *através* da narrativa autobiográfica relatada. Podemos discutir a partir dessa narrativa os conceitos de desterritorialização e reterritorialização, relacionando a trajetória dos jongueiros que deram origem ao Jongo da Serrinha.

- 2- O professor pode imprimir ou contar a história do jongo e do samba na serrinha relacionando com as migrações e transformações da cultura da diáspora banto até chegar em Madureira. Sugiro usar o mapa da diáspora usado na atividade anterior e o mapa das comunidades jongueiras disponíveis no Dossiê 5. Jongo no Sudeste.

- 3- Discorra brevemente sobre a importância das escolas de samba para as populações negras e periféricas. As escolas de samba são importantes espaços de sociabilidade, mas também de produção artística e política da cultura do samba. A partir da arte das escolas de samba, todo o universo do samba ganhou relevância nacional e internacional, servindo inclusive de elemento de identificação cultural de nosso país.





4- Ouça o “Jongo do Irmão Café” com os alunos. Faça um debate sobre a história do jongo e a resistência contida nos versos de Nei Lopes e Wilson Moreira. Questione: Sobre a quem ou o que “Mesmo usados, moídos, pilados/Vendidos, trocados, estamos de pé” está se fazendo referência? Quais valores tradicionais são disseminados pelo jongo? Mesmo o jongo sendo uma manifestação cultural rural, porque atualmente compõem também a cultura urbana? O professor deve anotar as participações, pois a atividade representa uma ação centrada no debate e nas contribuições dos estudantes.

5- Comente com os alunos que em 2005, o Jongo do Sudeste foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial. Proponha uma reflexão indicando a importância de conhecer e preservar a tradição, inserindo novas gerações, respeitando os processos de disseminação cultural ancestral e reconhecendo os saberes produzidos a partir dos agentes.



Jongo do Irmão Café

Composição: Nei Lopes / Wilson Moreira.

Auê, meu irmão café!

Auê, meu irmão café!

Mesmo usados, moídos, pilados

Vendidos, trocados, estamos de pé

Olha nós aí, meu irmão café!

Meu passado é africano

Teu passado também é

Nossa cor é tão escura

Quanto chão de massapé

Amargando igual mistura

De cachaça com fernet

Desde o tempo que a ainda havia

Cadeirinha e landolé

Fomos nós que demos duro

Pro país ficar de pé!

Auê, meu irmão café!

Auê, meu irmão café!

Mesmo usados, moídos, pilados

Vendidos, trocados, estamos de pé

Olha nós aí, meu irmão café!

Você, quente, queima a língua

Queima o corpo e queima o pé

Adoçado, tem delícias

De chamego e cafuné

Requentado, cria caso



Fonte: (<https://www.lettras.mus.br/nei-lopes/887960/>)



Referências



Álbum: “Jongo do Vale do Café”

O álbum é produto da união de Jongueiros do Quilombo de São José, Quilombo de Pinheiral e do Jongo da Serrinha para a gravação de pontos de jongo. Ele é um importante registro dessa cultura oral do Rio de Janeiro.

<https://www.youtube.com/watch?v=pOePPoQv7iw>



Acervo Pontão de Cultura Jongo/ Caxambu :

<http://www.pontaojongo.uff.br/acervo-jongo>

Livro: “Pelos caminhos do jongo e do caxambu”

http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pelos_caminhos_do_jongo.pdf



Dona Ivone Lara



Dona Ivone Lara (1922 - 2018): sambista, cantora, compositora, enfermeira e assistente social. É conhecida como a Grande Dama do Samba. Foi integrante da ala das baianas do Império Serrano, foi a primeira mulher a assinar um samba-enredo e fazer parte da ala de compositores da escola (Lopes, 2014). Como enfermeira, trabalhou com Nise da Silveira, participando da aplicação do método terapêutico humanizado que a Nise propunha e que hoje é referência na luta pela saúde mental e antimanicomial.

Um importante registro dessa cultura oral do Rio de Janeiro.

Tia Maria do jongo



Tia Maria do Jongo (1920 - 2019): neta de ex-escravizados, jogueira do Morro da Serrinha, foi responsável por manter vivo e transmitir às novas gerações os ensinamentos do jongo, que tiveram grande influência na criação do samba. Participou da fundação da escola de samba Império Serrano, em 1947.

Mestre Darcy do jongo



Mestre Darcy do Jongo (1932 - 2001): músico carioca, filho de Vovó Maria Joana Rezadeira, se destacou como percussionista no Império Serrano e acompanhando grandes artistas da MPB. Foi grande responsável pela popularização do jongo e da inserção do ritmo em grandes shows e espetáculos. Dedicou grande parte da sua vida a perpetuar a cultura do jongo através do grupo cultural Jongo da Serrinha. (Lopes, 2012)

Nei Lopes



Nei Lopes: sambista, cantor, compositor, pesquisador e militante da cultura afro-brasileira, é também bacharel em Direito pela UFRJ. No início dos anos 1970, abandonou a advocacia, priorizou a carreira artística, tornando-se compositor profissional da música popular. Além de ser um consagrado intérprete, sua militância pelos direitos do povo negro tornou-se marcante com a publicação de pesquisas, artigos, crônicas e romances que evidenciam a população negra, cultura, religiosidade e a vida nos subúrbios cariocas (Lopes, 2014).

Wilson Moreira



Wilson Moreira (1936 - 2018): compositor carioca nascido em 1936, em Realengo. Sambista ligado à Mocidade Independente de Padre Miguel e da Portela, destacou-se, principalmente em dupla com Nei Lopes a partir de 1975, como um dos grandes autores e intérpretes do samba tradicional. Foi parceiro de Candeia e fundador do G.R.A.N. Escola de Samba Quilombo”. (Lopes, 2012, p.354)



AULA 3 - As “pequenas áfricas” pelo olhar de Heitor dos Prazeres

A Pequena África é uma denominação que o multi-artista Heitor dos Prazeres usou para se referir a área da cidade do Rio de Janeiro que, na sua concepção, materializava a “África em miniatura”. A ocupação da área portuária e periférica ao centro (Saúde, Gamboa e Santo Cristo) foi protagonizada por imigrantes do Vale do café, baianos do recôncavo e da capital, egressos do exército com promessas de terras após servirem nas guerras do império, constituindo territorialidades negras.

O território negro estabelecido contava com expressões culturais e sociais do cotidiano dos africanos e afrodescendentes que ocupavam a região. Por um lado, a vida nesta “África em miniatura” é permeada por manifestações de resistência como as rodas de samba, os ranchos e cordões carnavalescos, os candomblés, as rodas de capoeira, as organizações de trabalhadores da estiva, e por outro lado, pela opressão representada pela figura estatal.

O branqueamento da cidade do Rio de Janeiro estava atrelado ao projeto de modernidade trazido pela reforma urbana do início da década de 1900. A Reforma Pereira Passos, visava transformar a cidade negra através de intervenções urbanísticas que transformassem o Rio de Janeiro em uma “Paris Tropical” (Silva, 2019). Segundo Barbosa (2016) “não bastavam apenas novos prédios, praças, estações ferroviárias, avenidas, instalações portuárias para configurar a estetização burguesa da paisagem da capital da República. A reforma urbana também significava o apagamento de uma paisagem-corpo: a cidade africana”. Portanto, muito além de produzir rearranjos espaciais que solucionassem os problemas sanitários da cidade, visou apagar as inscrições da cidade colonial, especialmente a presença e agência dos indivíduos negros na urbe carioca.

A obra de artes plásticas de Heitor dos Prazeres representa o urbano através dos corpos que a Reforma Pereira Passos tentou apagar das áreas centrais da cidade. O viver o espaço público dos negros em suas mais diversas atividades está presente nas pinturas, mas também aponta para caminhos desejáveis onde o direito a viver a cidade aparece sem as estruturas de opressão (Barbosa, 2016).





Objetivos: Diferenciar o urbano e o rural. Construir o conceito de urbanização. Discutir a dinâmica socioespacial e racial da urbanização do Rio de Janeiro.

Conteúdos: Paisagens rurais e paisagens urbanas. Urbanidade e ruralidades. Urbanização do Rio de Janeiro e região metropolitana.

Materiais: Imagens impressas ou projetadas, projetor.

Aplicação: 2 tempos de 50 minutos



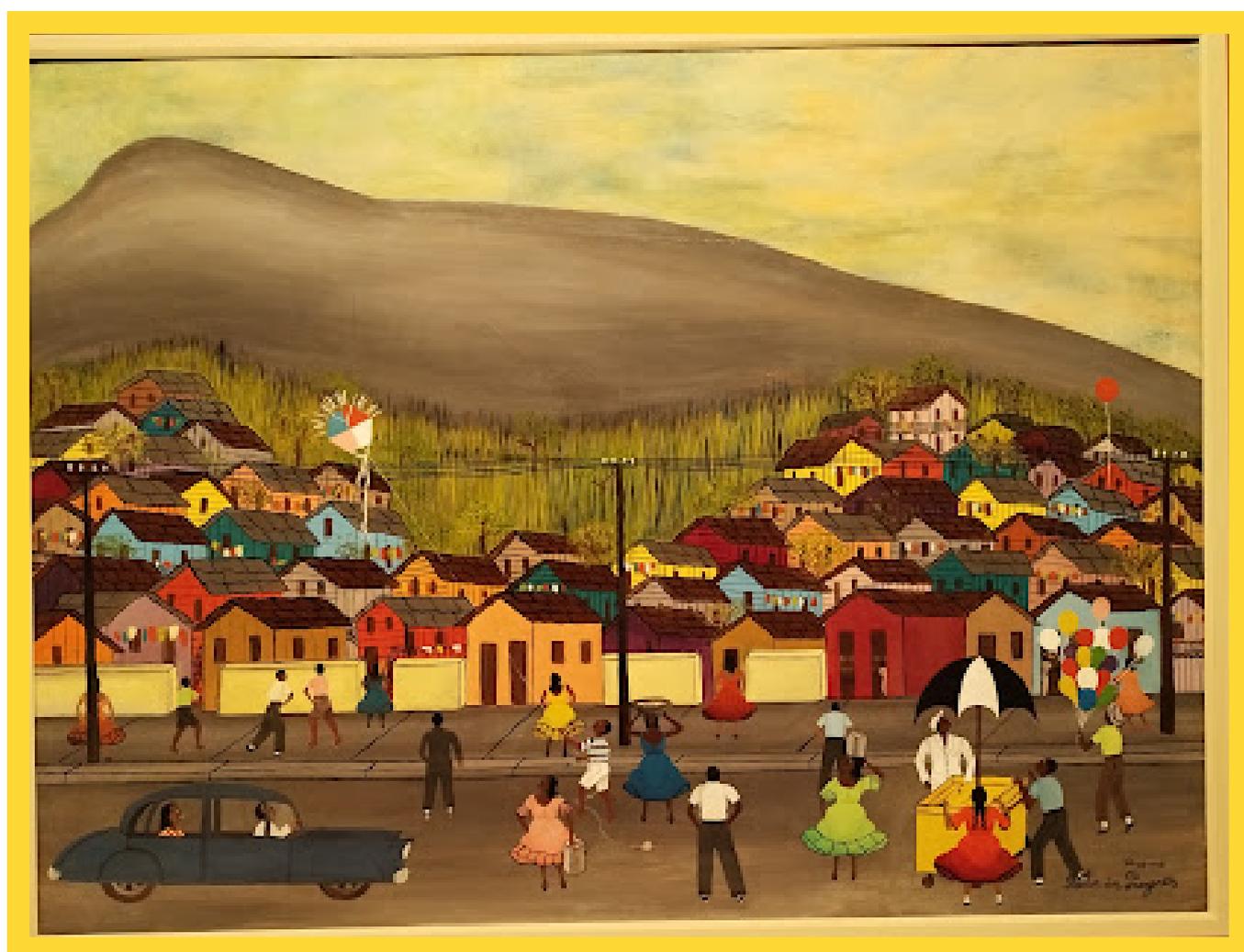
“Carro de boi na plantação de cana” década de 1950.
Exposição “Heitor dos Prazeres é o meu nome” CCBB 2023





Sem título (A volta da roça), Sem data Heitor dos Prazeres. Acervo do Masp





sem título, de Heitor dos Prazeres (1965) Exposição “Heitor dos Prazeres é o meu nome” CCBB 2023





sem título, de Heitor dos Prazeres (déc.1960) Exposição “Heitor dos Prazeres é o meu nome”
CCBB 2023



Procedimentos

1- Dialogue com os alunos os conhecimentos prévios sobre o samba. Caso o professor tenha vivência, experiência e as memórias afetivas em que o samba esteja relacionado, sugiro que ele também participe dessa construção coletiva.

2- Explicar sobre as mudanças na paisagem da cidade do Rio de Janeiro, salientando o desmonte dos morros e a produção de aterros na cidade. Os vídeos e fotos podem ajudar a fazer com que os alunos compreendam visualmente as mudanças na cidade, principalmente aquelas ocorridas a partir da Reforma Pereira Passos.

3- Discutir a importância do porto e das atividades portuárias no rio de Janeiro, evidenciando a presença ativa dos negros na estiva e na luta pela melhoria nas condições de trabalho. Para aprofundar este tema pode ser utilizado o documentário Aniceto do Império em: Dia de Alforria...? / 1980 / Zózimo Bulbul
<https://www.youtube.com/watch?v=sgnfYZB2HGM>



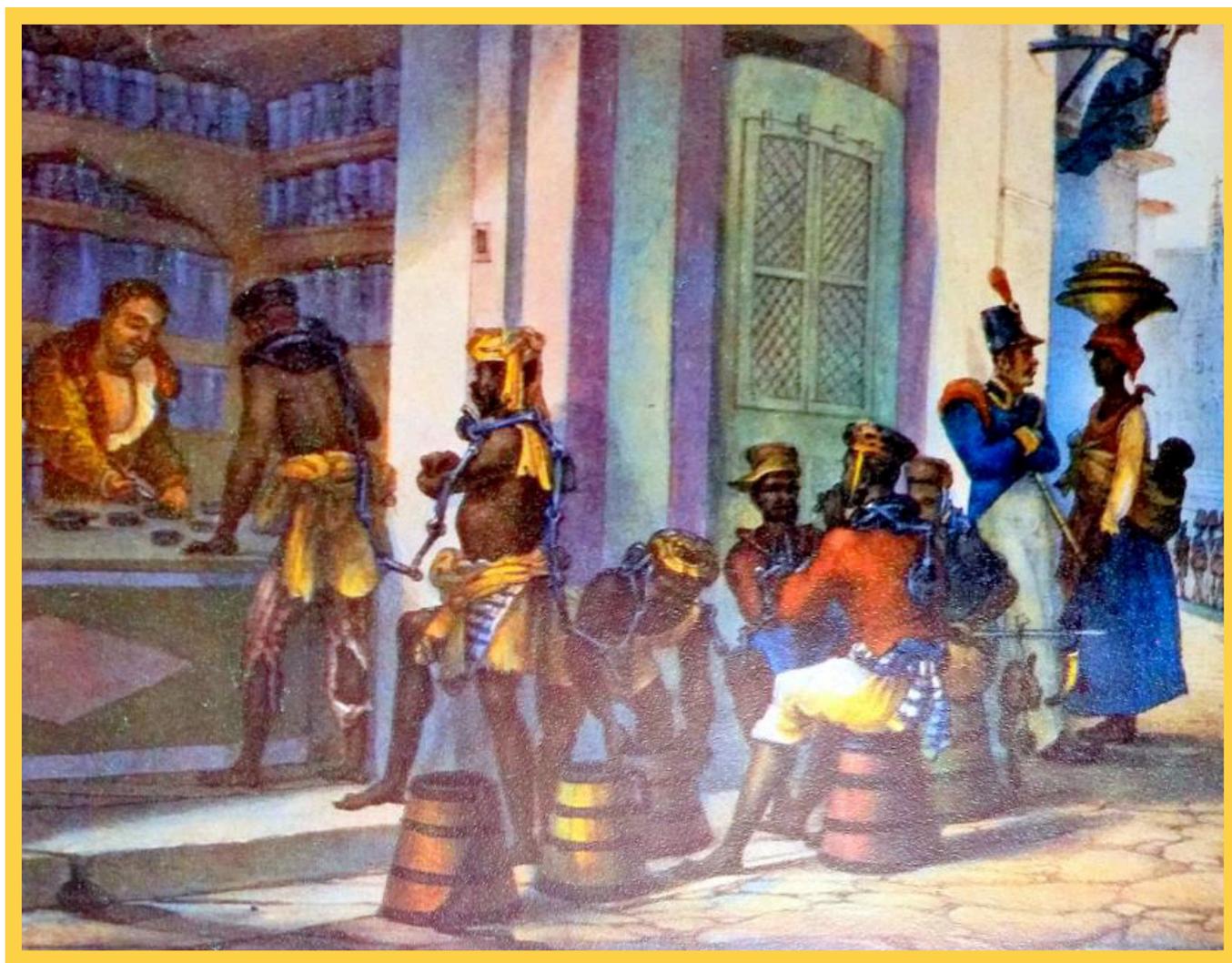
4- Mostre as telas de autoria de Heitor dos Prazeres e peça para que os alunos identifiquem os elementos da paisagem que permitam classificá-las como urbanas ou rurais. Como são as formas de vida urbana? Como são os modelos de vida rurais? Apresenta os conceitos de urbanidade e ruralidade. Proponha a identificação de elementos rurais e urbanos nas imagens, e de que maneira a composição destes auxilia a compreensão dos conceitos de urbanização

5- Utilize outras produções artísticas do período para questionar a posição que o negro nelas. As obras de Debret, por exemplo, trazem o negro em posições de submissão ou em atividades laborais, contrapondo a perspectiva observada por Heitor dos Prazeres, que trás a representação do negro em atividades lúdicas e religiosas, principalmente relacionadas ao carnaval e ao samba.



Cenas de carnaval - Jean B. Debret, DEBRET, 1978 Fonte :SILVA, 2019





Negros acorrentados numa loja de tabaco – Jean B. Debret Fonte: SILVA, 2019



Referências:

Vídeo: Evolução urbana do Rio de Janeiro: Zona Portuária

Projeção da evolução da Zona Portuária, Rio de Janeiro. Ilustrações de Guta, Carlos Gustavo Nunes Pereira. Publicação do Instituto Pereira Passos.

<https://www.youtube.com/watch?v=zxMbs>



Catálogo da exposição “Heitor dos Prazeres é o meu nome” CCBB/RJ 2023

Disponível em: <https://ccbb.com.br/programacao-digital/acervo-digital/#>

Enciclopédia Itaú Cultural

Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres/obras>

HEITOR DOS PRAZERES



Heitor dos Prazeres (1898 - 1966): sambista pioneiro, compositor e cavaquinista, nascido na Cidade Nova. Morou na região da Praça Onze até 1920. Fundador de vários núcleos de samba do Estácio a Oswaldo Cruz, incluindo grandes escolas de samba como Portela e Mangueira. A partir de 1936, destacou-se como pintor tendo como inspiração o samba e o cotidiano dos morros cariocas, chegando a expor no Festival Mundial de Arte Negra em Dacar, em 1966. Depois residiu, seguidamente, no Encantado, na Piedade, em Ramos e Bonsucesso, onde viveu de 1933 até o fim da vida.”(Lopes, 2012; 2014). Roberto Moura atribui a ele a expressão “África em Miniatura” para designar a região que ia da praça Onze até a atual praça Mauá nos anos de 1870. Tal região que abarcava as antigas freguesias de Cidade Nova, Santo Cristo, Saúde e Gamboa era um “importante pólo concentrador de múltiplas expressões da cultura afro Brasileira, da música à religião, a Pequena África foi berço do samba em sua forma urbana”(Lopes, 2014, p.542).

TIA CIATA



Tia Ciata (1854-1924): a mais conhecida entre as “tias baianas”, atuou como uma das lideranças da “Pequena África”, mãe pequena, sambista pioneira, teria sido em sua casa na Cidade Nova o local onde teria sido composto o primeiro samba gravado “Pelo telefone” (Lopes, 2014). Foi uma importante produtora da cultura do samba e dos modos de vida afro referenciados, quando o aparato legal criminalizava a capoeira e a dita vadiagem (ausência de trabalho formal).

PIXINGUINHA



Pixinguinha (1898 - 1973): saxofonista, flautista, compositor e arranjador brasileiro considerado o pai do choro, é um dos fundadores da moderna linguagem musical brasileira e um dos maiores nomes da música popular brasileira. Ao contrário do que se fala sobre a música popular, produziu composições altamente elaboradas e técnicas. Na década de 1920, organizou uma pequena orquestra majoritariamente negra denominada de “Oito Batutas” e atuava em bailes da elite carioca. Entre as suas composições há influências do jazz e de outros ritmos afrodiáspóricos, além de inspirações africanas como “Iao”, “Mulata baiana”, “Benguelê” (Lopes, 2014).

Ouçã Som de Prata, de Moacyr Luz e Paulo Cesar Pinheiro

<https://www.youtube.com/watch?v=b0spOWSonjk>





Aula 4 - O Trem do Samba

O transporte ferroviário é um elemento marcante na paisagem e na vida dos habitantes dos subúrbios das grandes cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, a linha férrea teve um intenso papel no crescimento urbano da cidade. Através da expansão das ferrovias, novos núcleos urbanos foram estabelecidos em áreas em que antes foram consolidadas atividades rurais, passando a ser loteados e vendidos a valores muito mais acessíveis do que as áreas centrais. Por outro lado, esses novos bairros nasciam afastados da maior parte dos empregos, do centro de poder econômico, dos equipamentos públicos de cultura e lazer.

A linha férrea que hoje conecta a zona oeste e a baixada com o centro da cidade do Rio de Janeiro já testemunhou inúmeras histórias daqueles que são os protagonistas das narrativas do samba. Apesar das deficiências do sistema de transporte na metrópole carioca, que expõe as pessoas diariamente a situações de insegurança, desconforto e altos custos, o trem desempenha um papel importante como espaço de socialidade no cotidiano de seus usuários. As longas viagens de trem dos trabalhadores são momentos desafiadores, porém os vagões se transformam em locais onde nascem relações de amizade, atividades comerciais informais e apresentações artísticas de diversos gêneros. Isso evidencia a importância do trem não apenas como meio de transporte, mas também como um elemento vital na interação social e na cultura urbana do Rio de Janeiro.

Todos os anos no dia 2 de dezembro, tradicionais grupos de samba se reúnem na Central do Brasil e refazem os passos de Paulo da Portela, rumo a Oswaldo Cruz, onde se distribuem nos mais diversos bares do bairro e firmam suas rodas de samba para continuar a festa. Instrumentos, palma da mão e gogo cruzam a cidade sobre os trilhos do trem para comemorar o Dia Nacional do Samba.

A rede ferroviária tem uma importância central no crescimento urbano do Rio de Janeiro e sua região metropolitana adjacente, capilarizando a malha urbana para as áreas da Baixada Fluminense e para as zonas norte e oeste. Portanto, a dinâmica do transporte urbano é uma temática fundamental a geografia e o samba é um mote para pensar questões urbanas que perpassam a mobilidade urbana e a desigualdade socioespacial.



Objetivos: Discutir crescimento urbano e mobilidade urbana ao longo das linhas de trens.

Conteúdos: Mobilidade urbana e a malha ferroviária; migração pendular; fluxos populacionais, periferização e metropolização.

Materiais: TV com Internet; projetor

Aplicação: 2 tempos de 50 minutos

Procedimentos:

1- Apresente o samba “33, Destino Dom Pedro II” interpretado por Jovelina Pérola Negra, mas que originalmente foi enredo da escola de samba Em cima da hora, em 1983. Este samba foi defendido no carnaval em que o enredo faz uma crítica às precárias condições de vida da classe trabalhadora.

2- Discuta com os alunos a importância da ferrovia para a evolução urbana da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. É importante que o professor retome os outros fluxos e deslocamentos populacionais da população negra até a constituição do subúrbio carioca. Podem ser abordadas a diáspora africana, êxodo rural do Vale do Paraíba, migração baiana para o rio de Janeiro, remoções para o subúrbio, expressando a importância das escalas geográficas dos fenômenos.

3- Questione: Por que no verso da música diz: “O suburbano quando chega atrasado/O patrão mal-humorado/Diz que mora logo ali”? Pergunte se o aluno consegue relacionar com o modelo de urbanização existente no Rio de Janeiro. Caracterize o modelo de expansão urbana espontânea que tende a afastar as classes mais baixas para as periferias e concentrar as classes mais abastadas em áreas próximas às centralidades; aborde o processo de metropolização. Diferencie os sentidos dados ao subúrbio no contexto carioca e a conceituação hegemônica.



4- Apresente a reportagem:

<https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-09/moradores-de-japeri-passam-um-terco-da-vida-sobre-trilhos.html>

A partir dela é possível discutir migração pendular, IDH e cidade-dormitório. Discuta as condições de transporte na região metropolitana e o acesso aos equipamentos urbanos. Fomente o debate levando em consideração o transporte utilizado pelos alunos, a presença e ausência do transporte ferroviário no território, o tempo e o custo dos transportes. Ao fomentar o debate em sala de aula, é importante considerar o transporte utilizado pelos alunos, bem como a presença ou ausência do transporte ferroviário em suas próprias comunidades. Além disso, discutir o tempo e o custo dos transportes pode ajudar os alunos a entenderem melhor os desafios enfrentados pelos moradores de áreas periféricas. Essas discussões podem levar a uma reflexão mais ampla sobre desigualdades urbanas.



33, Destino Dom Pedro II

Composição: Guará / Jorginho Das Rosas.

Vamos sublimar em poesia
A razão do dia a dia
Pra ganhar o pão
Acordar de manhã cedo
Caminhar pra estação
Pra chegar lá em D. Pedro
A tempo de bater cartão
Não é mole não
Com a inflação
Almejar a regalia
E o progresso da nação
O suburbano quando chega atrasado
O patrão mal-humorado
Diz que mora logo ali
Mas é porque não anda nesse trem lotado
Com o peito amargurado
Baldeando por aí
Imagine quem é lá de Japerí
Imagine quem é lá de Japerí
Olhando a menina de laços de fita
Batucando na marmitta
Pra não ver o tempo passar
Esquecendo da tristeza quando o trem avariar BIS
Esquecendo da tristeza quando o trem avariar
E na viagem tem jogo de ronda
De damas e reis
Vendedores, cartomantes, repentistas
Tiram onda de artista
No famoso "Trinta e Três" O trombadinha quase sempre se dá bem
O paquera apanha quando mexe com alguém
Não é tão mole andar de pingente no trem
(Não é tão mole andar de pingente no trem)



Referências

- Livro: “Evolução urbana do Rio de Janeiro” - Maurício de Abreu

- Animação “ O senhor do Trem”

Figura histórica do samba, Paulo da Portela virou desenho animado para protagonizar o curta-metragem "Senhor do trem", que faz uma homenagem à Velha Guarda da Azul e Branco. Voltada ao público jovem, a animação traz as memórias da cultura negra no Brasil e celebra ainda outros grandes nomes do samba como Monarco, líder e o mais antigo integrante da Velha Guarda, Tia Surica, que desfila pela Portela desde os 4 anos de idade, e Marquinhos do Pandeiro. Acesse em: <https://www.youtube.com/watch?v=8at7PNZ6ToE>



- Documentário “Maravilhoso Caos”

Documentário sobre a mobilidade urbana do Rio de Janeiro produzido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia do Colégio Pedro II campus Realengo II. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wCGzHkHa0I0>



Jovelina Pérola Negra



Jovelina Pérola Negra (1944 - 1998): sambista, cantora, compositora e baiana da Império Serrano e exímia partideira foi um dos grandes nomes do estilo pagode nos anos 1980 e 1990. “Embora nascida em Botafogo, foi sempre moradora e frequentadora do ambiente suburbano, notadamente da região de Coelho Neto; e quando de seu falecimento, residia no Pechincha” (Lopes, 2012; p.207).

Paulo da Portela



Paulo da Portela (1901 - 1949): nascido na Saúde, em 1920, mudou-se para Oswaldo Cruz. Cantor, compositor, ritmista e líder foi fundador da Portela. Paulo participou da comitiva que recepcionou Walt Disney em sua visita a Portela, e foi nesta festa que Disney criou o personagem Zé Carioca, inspirado no perfil de Paulo (Lopes, 2012; p.271). Foi uma das personalidades mais importantes do samba e com seu talento político transformou o samba e as escolas de samba em uma expressão cultural aceita pelas elites e parte da identidade nacional.

Candeia



Candeia (1935 - 1978): sambista, ex-policia, militante negro e animador cultural, foi importante compositor de sambas para a Portela. “Em 1975, afastado da Portela, funda o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba, núcleo de resistência contra a colonização cultural e irradiação de conteúdos afrobrasileiros, criado com objetivo expresso de se opor às novas concepções vigentes nas escolas de samba nos anos de 1970. Pouco depois, em 1977, publica o livro ‘Escola de samba, árvore que esqueceu a raiz’, em coautoria com Isnard Araujo” (Lopes, 2014, p.166)

Aula 5 - Do quilombo à favela

Esta atividade foi pensada com base no livro “Do quilombo à favela: A produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro”, do geógrafo Andreino Campos. Nele, o autor faz um panorama histórico criando um paralelo entre os quilombos e as favelas, abordando as similitudes e as diferenciações entre as duas estruturas territoriais.

A cidade pode ser analisada a partir do viés racial, visto que o aparato opressor e que promove a exclusão segue sendo empregado sobre os negros, isto é, o mesmo grupo racial que em outros momentos da história buscava nos quilombos a sobrevivência. Para Campos, a ideia do quilombo é o imaginário, um sistema simbólico, enquanto as favelas materializam essa segregação e exclusão até os dias atuais (Silva, 2020).

Com isso, buscamos promover uma reflexão sobre as aproximações e distanciamentos entre as ideias de quilombos no período colonial e das favelas desde a sua formação até os dilemas contemporâneos. Dessa forma, mobilizaremos um repertório histórico e geográfico que combate os estigmas criados em relação a esses territórios, através da compreensão deles como territorialidades complexas, diversas e potentes.

Objetivos: Discutir os conceitos de favelização; desigualdade socioespacial; violência urbana. Caracterizar o quilombo.

Conteúdos: quilombos; favelização; desigualdade socioespacial; desigualdade racial na cidade; gentrificação; direito à cidade.

Recursos: Projetor ou TV e caixa de som

Aplicação: 2 tempos de 50 minutos





Procedimentos

1- Questione aos alunos se eles sabem ou conhecem o que é um quilombo? Onde há ou já houve quilombos nas proximidades? Comente a presença de quilombos no Brasil durante o período colonial e da existência de comunidades remanescentes de quilombos. Nesse primeiro momento precisamos provocá-los a entender o que os alunos já conhecem sobre quilombo, para que seja possível a associação entre as formas-conteúdo e quilombo-favela. Podemos exemplificar o Quilombo do Leblon, Quilombo Sacopã, Quilombo do Camorim, Quilombo Cafundó-Astrogilda e Quilombo da Pedra do Sal que são quilombos que estão/estiveram em áreas hoje urbanizadas.

2- Ouça a música “Nomes de favela” de Paulo César Pinheiro e interpretada por Leci Brandão <https://www.youtube.com/watch?v=wFP4IPoeqcw> . A partir da música, o professor pode fazer algumas provocações aos alunos: O que é a favela? O que tem e o que não tem na favela? O que é ser “favelado”? Estas perguntas têm como objetivo, sobretudo, tensionar e combater os estigmas direcionados a população moradora de favela.

3- Explicar o processo de favelização fazendo um paralelo com a noção de quilombo, como territórios de resistência e criminalização em momentos distintos da história. Abordar as transformações urbanas de áreas com fortes características rurais no passado em favelas.

4- Questione aos alunos se as favelas são espaços criminalizados da mesma forma até os dias atuais. Apresente a reportagem do portal A voz da Comunidade: “Vidigal é o sexto bairro mais caro do Brasil para se morar, diz pesquisa: <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/vidigal-e-o-sexto-bairro-mais-caro-do-brasil-para-se-morar-diz-pesquisa/#:~:text=O%20que%20acontece%20no%20Morro,custo%20de%20vida%20mais%20alto>

e apresentar os conceitos de especulação imobiliária e gentrificação.

Nomes de Favela
Paulo César Pinheiro

O galo já não canta mais no Cantagalo
A água (já) não corre mais na Cachoeirinha
Menino não pega mais manga na Mangueira
E agora que cidade grande é a Rocinha!

Ninguém faz mais jura de amor no Juramento
Ninguém vai-se embora do Morro do Adeus
Prazer se acabou lá no Morro dos Prazeres
E a vida é um inferno na Cidade de Deus
Não sou do tempo das armas
Por isso ainda prefiro
Ouvir um verso de samba
Do que escutar som de tiro

Pela poesia dos nomes de favela
A vida por lá já foi mais bela
Já foi bem melhor de se morar
Mas hoje essa mesma poesia pede ajuda
Ou lá na favela a vida muda
Ou todos os nomes vão mudar





Referências

- “Quilombo favela rua” de Mano Teko
É possível fazer uma correlação entre a perseguição empreendida pelo Estado ao sambista no século XX e as representações atuais do funk na grande mídia. Caso o debate caminhe por essa trilha, sugiro apresentar aos alunos o clipe <https://youtu.be/eZuBzrfaaYk?si=AJxy7xjeaYPI02rW>
O “nós por nós” presente no refrão é uma referência a filosofia Ubuntu, uma filosofia afroperspectivista e fortemente relacionada ao valor civilizatório afrobrasileiro de comunitarismo.
- “Do quilombo à favela: A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro: A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro” de Andreino Campos.
- “O que é a favela, afinal?”. Org. Jailson de Souza e Silva

Ao final deste material, tem uma declaração formulada a partir dos debates sobre o conceito de favela. Ele pode ser o mote interessante para trabalhar o conceito de favela e favelização a partir da diversidade e da complexidade dos processos urbanos.

Disponível https://www5.pucsp.br/ecopolitica/downloads/1_D_2009_O_que_favela_afinal.pdf

- 5x Favela, Agora por Nós Mesmos' (2010)
Longa metragem em formato por cinco histórias independentes entre si, cômicas e trágicas, que refletem as múltiplas faces do cotidiano dos moradores das favelas e fogem dos estereótipos violentos que costumam se perpetuar na representação da vida nas comunidades.

- Remoção (2023)

Remoção é um documentário brasileiro que fala sobre o enorme processo de remoção de favelas que ocorreu na zona sul do Rio de Janeiro, nas décadas de 1960 e 70, e que deram origem à primeira experiência de criação dos conjuntos habitacionais de Vila Kennedy, Vila Aliança, Cidade de Deus, Cidade Alta, em Cordovil; Dom Jayme Câmara, em Padre Miguel e a Cruzada São Sebastião, no Leblon. A produção traz uma série de depoimentos de moradores e especialistas, construindo uma narrativa que conta toda a história por trás do processo. Com direção e roteiro de Luiz Antônio Pilar e Anderson Quack.



Leci brandão



Leci Brandão: cantora, compositora e deputada brasileira que se destacou como sambista e compositora da Mangueira. Leci iniciou sua carreira participando de festivais de música e programas de TV, tendo vencido o Programa de calouros “A grande chance” da TV Tupi (Werneck, 2020). Sua música traz temáticas sobre religiosidade, fé, questão do negro e das populações dos subúrbios e dos morros cariocas. Como deputada exerceu quatro mandatos, defendendo pautas de promoção da igualdade racial, respeito às religiões de matriz africana e proteção às populações LGBTQIAP+ .

Milton Santos



Milton Santos (1926 - 2001): geógrafo baiano que é reconhecido mundialmente como um dos maiores geógrafos brasileiros. Foi professor em diversas universidades do mundo, tendo recebido doze títulos de doutor Honoris causa. Escreveu os mais importantes textos da geografia brasileira, produzindo uma crítica contundente ao processo de globalização em “Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal” e as questões urbanas no terceiro mundo. Ganhou o prêmio Vautrin Lud, em 1994, a maior premiação na área da geografia, sendo considerado “o Nobel da geografia”. O documentário “Milton Santos - Por uma outra globalização” (2004) do cineasta Silvio Tendler, conta com entrevistas com o geógrafo, além da discussão de suas análises dos impactos do processo de globalização.

Andrelino Campos



Andrelino Campos (1949-2018): geógrafo, doutor em geografia e professor universitário. Foi um dos principais geógrafos a investigar o espaço urbano a partir da questão racial. Na sua dissertação de mestrado produz a importante pesquisa que dá origem ao livro “Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro” onde estabelece a relação entre os quilombos e as favelas como “forma-conteúdo que dá origem, de certa forma, também às favelas, por serem espaços segregados e estigmatizados”. (SILVA,2020).

Abdias do Nascimento



Abdias do Nascimento (1944 - 1999): político , artista plástico, dramaturgo, ator, escritor e militante do movimento negro. Foi deputado e senador, após a morte de Darcy Ribeiro, de quem era suplente. Fundou o Teatro Experimental do Negro, o Museu de Arte Negra e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afrobrasileiros. Em 1982, como deputado, propôs a primeira política pública de ação afirmativa e cotas para a população negra. Foi professor em diversas universidades no Brasil e no exterior. Entre a sua extensa produção bibliográfica escreveu “O quilombismo”, onde faz proposições de ações políticas de combate ao racismo institucionalizado no Brasil (LOPES, 2014).

Luiz Carlos da Vila



Luiz Carlos da Vila (1949-2008): cantor e compositor carioca, que se consagrou na década de 1970 por sua poesia refinada e melodia fluente como um dos grandes nomes do samba. Ligado ao tradicional bloco carnavalesco Cacique de Ramos e a sua escola Unidos de Vila Isabel, pela qual compôs o antológico samba-enredo Kizomba, a festa da raça, campeão do carnaval de 1988 (Lopes, 2014; p.410).



Atividade 1 - Jogo das Memórias

A memória é uma das principais reivindicações dos movimentos negros e dos pesquisadores. No entanto, a compreensão do patrimônio cultural que guarda as memórias do povo negro conta com muitos bens imateriais que continuam sendo preservados por suas descendências. A construção de uma memória coletiva emancipatória e antirracista requer o conhecimento desses bens por toda a sociedade. Por isso, essa atividade é chamada de "Jogo das Memórias", pois é nessas memórias dos protagonistas do samba que estão os elementos para a reconstituição das histórias da cidade negra.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional define como patrimônio imaterial "os bens culturais de natureza imaterial que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares que abrigam práticas culturais coletivas" (IPHAN). Portanto, o reconhecimento do samba como patrimônio cultural em 2007 representa um passo importante para a preservação da cultura do samba (IPHAN, 2014).

Por outro lado, este patrimônio imaterial não é estático; ele "é transmitido de geração em geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana" (IPHAN, 2014b). Esses elementos fazem parte de manifestações culturais que resistem ao tempo e ao esquecimento, graças aos sujeitos que são responsáveis por perpetuar a cultura. Conhecer e reconhecer esses indivíduos é fundamental para compreender a agência negra no espaço das cidades.

Objetivo: Evidenciar os sujeitos produtores do samba. Discutir o conceito de lugares de memória, rugosidades espaciais e patrimônio imaterial.

Conteúdos: Rugosidades espaciais, lugares de memória e patrimônio cultural imaterial

Materiais: papel, impressora, tesoura e caixa de som

Aplicação: 1 tempo de 50 minutos

Procedimentos:

1- Explique aos alunos que é um patrimônio cultural imaterial e evidencie os produtores da cultura do samba, podendo relatar ainda partes da história deles. O objetivo central desta atividade é que eles conheçam e se reconheçam nas imagens e minibiografias das cartas.

2- Sugiro que esta atividade seja realizada durante a escuta da playlist GEOSAMBA:

<https://open.spotify.com/playlist/5n2AzClz7K8GPL3ylukL29?si=IKo96ceNT1CsWCPPr2xARvw&pi=u-BZJ3F9BPR7yr>

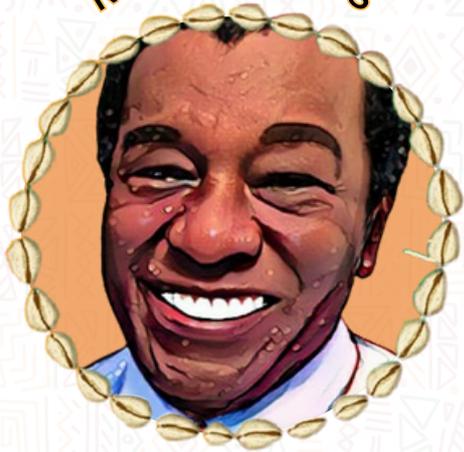
Isso pode ajudar que os alunos a se interessem e se familiarizem com a escuta do samba. Nesta playlist também estão incluídas as músicas indicadas ao longo deste material.

3- Esta atividade é de grande importância para que os estudantes possam ver os rostos e conhecer as histórias dessas personalidades que serão abordadas ao longo das aulas. É possível que isso gere identificação e estimule discussões na aula seguinte, quando falaremos sobre a urbanização a partir de locais importantes para o samba. Ter em mente quem são os construtores e agentes desses territórios é potencializar a presença e a agência negra nessas áreas.

REGRAS DO JOGO:

- De acordo com a quantidade de alunos em sala, imprima as folhas em anexo e peça para que os próprios alunos recortem as cartas para que assim possam se familiarizar com os nomes e rostos das cartas.
- Peça aos alunos que posicionem as cartas sobre a mesa e, após alguns minutos, vire-as ao verso.
- Os alunos devem achar as personalidades e suas minibiografias correspondentes. Se o aluno virar cartas que não correspondem, ele deve devolvê-las ao jogo no mesmo local. Quando o aluno acertar, as cartas serão retiradas do jogo e ficarão com ele.
- Vence o aluno que tiver o maior número de cartas ao final da partida.

Milton Santos



Milton Santos

Geógrafo, escritor, cientista e professor, suas obras revolucionaram a geografia, é considerado o maior geógrafo do Brasil e um dos maiores do mundo.

Arlindo Cruz



Arlindo Cruz

Sambista, compositor, músico e cantor, considerado um dos maiores compositores e sambistas do Brasil, ganhador de inúmeros sambas enredos e defensor da cultura afro-brasileira.

Azoilda L. Trindade



Azoilda L. Trindade

Professora e militante do movimento negro, foi responsável pelo projeto a cor da cultura. Propôs a Mandala dos “valores civilizatórios afrobrasileiros”.

Candeia



Candeia

Sambista, compositor, instrumentista, foi um grande defensor da cultura afro-brasileira através do samba de partido alto e batuques de terreiro. Foi também um dos fundadores do grêmio recreativo de artes negras escola de samba quilombo.

Cartola



Cartola

Compositor e cantor, ele é considerado um dos maiores sambistas brasileiros, é também um dos fundadores da escola de samba carioca Estação Primeira de Mangueira e do ritmo conhecido como samba-canção.

Dona Ivone Lara



Dona Ivone Lara

Sambista, compositora, enfermeira, foi a primeira mulher a vencer uma disputa de samba enredo e a primeira mulher integrar a ala de compositores do Império Serrano.

Tia Ciata



Tia Ciata

Foi uma sambista, mãe de santo e curandeira, é considerada a matriarca do samba no rio de janeiro, as reuniões de samba aconteciam em sua casa na região da pequena África.

Renato Nogueira



Renato Nogueira

Doutor em filosofia, professor, escritor e roteirista, é um dos mais importantes intelectuais do campo das relações raciais. Cunhou a filosofia afroperspectivista.

Leci Brandão



Leci Brandão

Cantora, compositora, atriz e política. é uma das mais importantes intérpretes de samba, foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores da estação primeira de mangueira.

Tia Maria do Jongo



Tia Maria do Jongo

Uma das fundadoras da escola de samba Império Serrano em Madureira, foi jongueira e guardiã do jongo da serrinha, ela conquistou o Prêmio Sim à Igualdade Racial.

Clementina de Jesus



Clementina de Jesus

Cantora e sambista, dona de uma voz única e marcante conhecida como a Rainha Quelé, carregava a herança africana em seus cantos como no samba de partido alto, jongo e canticos das religiões afro.

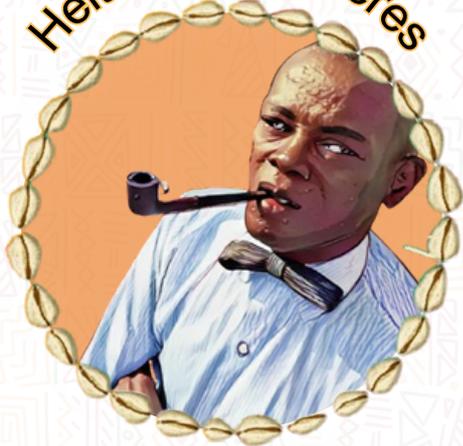
Mestre Darcy do jongo



Mestre Darcy do jongo

Foi percussionista e um dos incentivadores e defensores da preservação do jongo e do tambor, viajou o mundo espalhando a sua arte, participou da fundação da escola de samba Império Serrano em Madureira.

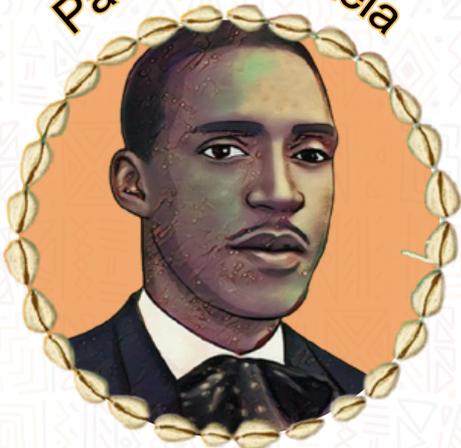
Heitor dos Prazeres



Heitor dos Prazeres

Compositor, cantor e pintor, foi responsável por participar da fundação das primeiras escolas de samba, foi criador da denominação “África em miniatura, Pequena África”

Paulo da Portela



Paulo da Portela

Um dos maiores sambistas de todos os tempos, foi o fundador da escola de samba Portela, no bairro de Oswaldo Cruz. Foi uma importante figura na luta pelo samba e contra o preconceito com os sambistas.

Jovelina Pérola Negra



Jovelina Pérola Negra

Foi “pastora” da escola de samba Império Serrano, uma das grandes vozes do mundo do samba. Grande Partideira e figura importante para a luta das mulheres no samba

Pixinguinha



Pixinguinha

Foi um dos grandes nomes da música brasileira, compositor, arranjador, maestro e instrumentista, considerado um dos maiores representantes do ritmo brasileiro conhecido como o choro.

Nei Lopes



Nei Lopes

Sambista, compositor, cantor, escritor e pesquisador da cultura afro-brasileira, grande mestre e militante suas obras são referências para a comunidade negra. recebeu o título de doutor honoris causa pela UFRJ.

Wilson Moreira



Wilson Moreira

Cantor e compositor, sambista nato. Foi um dos fundadores da ala de compositores da escola mocidade independente de Padre Miguel e grande defensor da cultura afro-brasileira

Aula 6 - Nossas “Pequenas Áfricas”

Durante a formação da cidade do Rio de Janeiro vão se formando diversas “Pequenas Áfricas” enquanto locais de resistência e aquilombamento de pessoas pretas e outros grupos subalternizados. E ao longo do tempo esses espaços vão se transformando em função da dinâmica de (re)produção do espaço geográfico.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros trabalhados e debatidos ao longo das atividades possibilitam que os estudantes identifiquem as territorialidades negras de forma mais ampla, trazendo um olhar mais atento para as territorialidades negras no seu espaço cotidiano.

Objetivo: elaborar cartografia colaborativa afroperspectivista; identificar territórios em que os alunos percebam práticas afrodiaspóricas.

Recursos: notebooks, computadores ou smartphones com acesso à internet.

Aplicação: 1 tempo de 50 minutos

Procedimentos

1- Apresentar pontos importantes para o samba e comentar, a partir da formação da cidade do Rio de Janeiro, partindo das áreas centrais em direção a zona oeste e a baixada fluminense. Sugiro o uso do padlet <https://padlet.com/ana50297090/territorialidades-negras-do-samba-e360ukbc0yy90vrh> . Discuta como marcos territoriais que funcionam como símbolo para o resgate e manutenção de tradições coletivas e sua importância de preservação das histórias (e geografias) para o fortalecimento da identidade e promoção da diversidade na cidade.

2- Retomar a ideia de “África em Miniatura” e “Pequena África”, cunhada por Heitor dos Prazeres. Provocar os alunos a pensar “outras pequenas áfricas” no Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e outros lugares da região metropolitana da cidade.



3- Faça uma breve demonstração de como inserir os pontos no Padlet para que os estudantes possam, a partir de suas experiências e conhecimentos geográficos afro perspectivados, conseguir reconhecer territorialidades afrobrasileiras em suas vivências cotidianas. Esta atividade dará direcionamento para que os alunos consigam fazer o mapa colaborativo proposto pela próxima atividade.

Atividade final- Mapa “Territorialidades em Afroperspectiva”

Objetivo: elaborar cartografia colaborativa afroperspectivista; identificar territórios em que os alunos percebam práticas afrodiaspóricas, através dos valores civilizatórios afrobrasileiros.

Recursos: notebooks, computadores ou smartphones com acesso a internet.

Aplicação: 2 tempos de 50 minutos

Procedimentos:

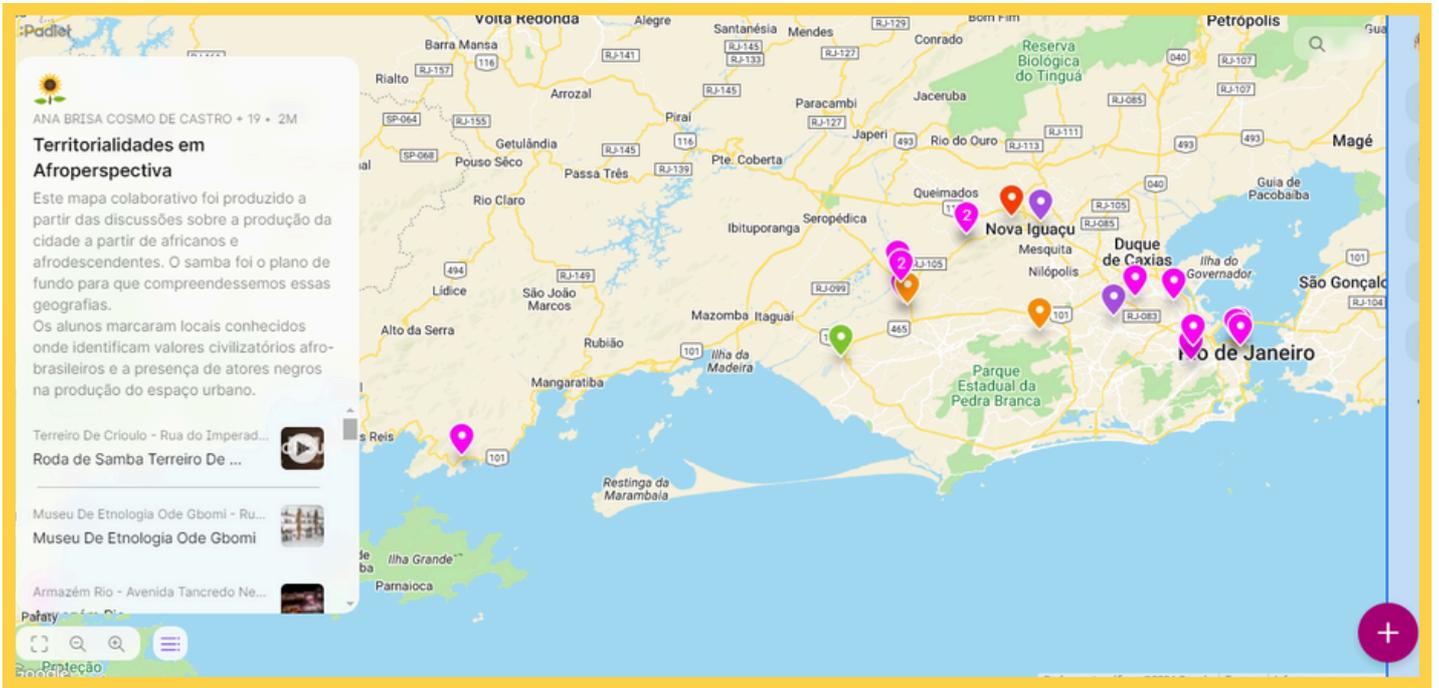
1- Reflita sobre dois espaços na sua cidade em que você observa a presença de territorialidades negras. Relembre os debates sobre os valores civilizatórios afrobrasileiros.

2- Acesse o padlet, busque o território negro escolhido. O aluno deve estar livre para utilizar qualquer linguagem para representar este território.

3- Na legenda da foto, vídeo, música, desenho, escreva os motivos que levaram à sua escolha.

4- Esta atividade tem como objetivo avaliar a compreensão dos alunos dos temas trabalhados ao longo do bimestre





[https://padlet.com/ana50297090/territorialidades-em-afroperspectiva-rbuefdo7bil5gt3l%20\(MAPA%20PRODUZIDO%20PELOS%20ALUNOS\)](https://padlet.com/ana50297090/territorialidades-em-afroperspectiva-rbuefdo7bil5gt3l%20(MAPA%20PRODUZIDO%20PELOS%20ALUNOS))



Minimanual de utilização do site/aplicativo Padlet

O Padlet é uma ferramenta versátil que oferece um mural virtual colaborativo com diversos formatos de apresentação. Para esta atividade específica, configuramos o Padlet em formato de mapa colaborativo, no qual os estudantes podem marcar seus pontos de interesse e criar legendas para cada ponto. Além disso, os colegas têm a possibilidade de curtir e comentar as postagens uns dos outros.

Acreditamos que o uso desta ferramenta é altamente relevante nas aulas de geografia, não apenas para esta atividade, mas também para outras que o professor possa desenvolver. Apesar de sua interface intuitiva, reconhecemos que muitos professores podem não estar familiarizados com recursos tecnológicos e podem precisar de algum tempo para se familiarizar com o Padlet e outros recursos semelhantes.

Para ajudar nesse processo, elaboramos um pequeno manual de uso do Padlet específico para a atividade proposta neste e-book. Esse manual pode auxiliar o professor na criação do seu próprio Padlet e na demonstração de como marcar os pontos no mapa, ou mesmo na replicação do mapa disponível no link fornecido

<https://padlet.com/ana50297090/territorialidades-negras-do-samba-e360ukbc0yy90vrh>

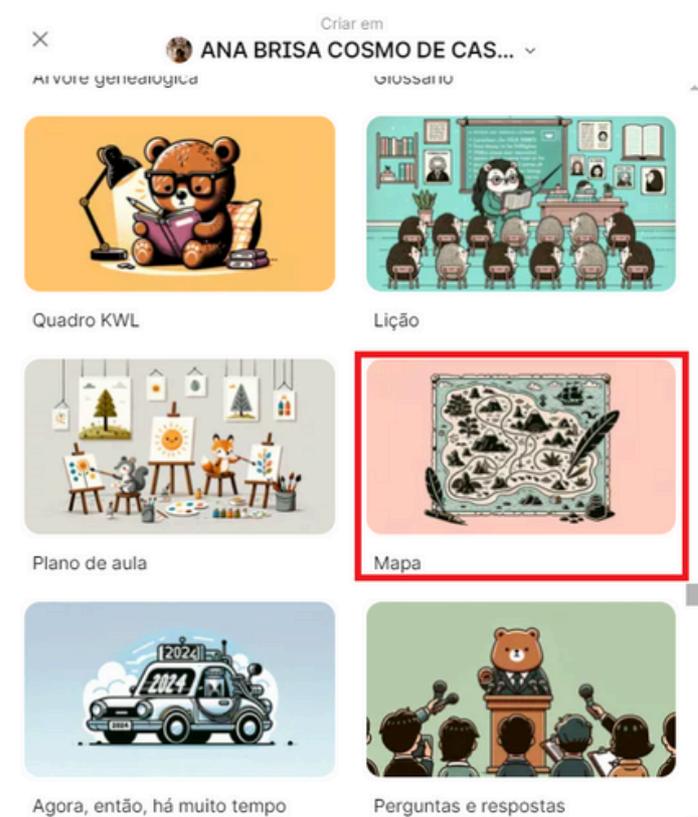


Dessa forma, esperamos facilitar o trabalho do docente e promover uma integração mais eficaz das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, enriquecendo assim a experiência de aprendizado dos alunos.

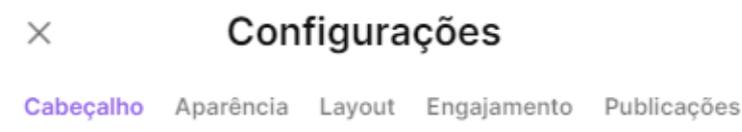


Para criar o padlet:

- Crie uma conta de login no padlet e clique em **Criar um padlet** no canto superior da tela.
- Escolha o modelo de Mapa



- Clique em  e  **Configurações**
- Neste painel você definirá todo o layout e as configurações de privacidade do seu mapa.
- Navegue nas seguintes abas



- Em “Cabeçalho” insira um o título e uma breve descrição do seu mapa no painel de definições.

Cabeçalho

Título

Mapa

Descrição

Enviar para qualquer parte do mundo

Ícone  >

- Na aba “Aparência” escolha o modelo do mapa, a fonte dos textos e o tamanho da publicação.

Aparência

Estilo do mapa  >

Fonte ABba ABba ABba ABba

Tamanho da publi... Standard Wide

- Em “Layout” não é necessário alterar as configurações
- Em “Engajamento” é possível habilitar comentários e curtidas, para que possa haver uma interação nas postagens.

Engajamento

Comentários
Permitir que os visualizadores façam comentários em publicações?

Reações 👍 Nenhuma >

- No campo “**Publicações**” o professor poderá habilitar o carimbo da autoria da postagem e o horário em que ela foi realizada. Neste campo também é possível definir os tipos de anexos que podem ser enviados e a criação de novos campos para publicação.

Publicações

Autor e carimbo de data/hora Ocultar Mostrar

Publicar campos
Personalize o assunto, o corpo e os anexos da publicação. Adicione campos personalizados. >

- No campo “**Conteúdos**” , poderá definir se os comentários serão vistos automaticamente ou necessitarão de aprovação do criador do professor. Sugiro que os comentários só sejam visualizados após a moderação “**Manual**” do professor, para que possa haver a correção de possíveis equívocos.

Conteúdo

Moderação
Quais postagens e comentários exigem aprovação? Automático ▾

Clonagens
Quem pode refazer este padlet? Todos ▾

Defina o estilo de mapa e as fontes dos textos.

Utilize o botão + para colocar a primeira publicação no mapa. Adicione uma nota, uma imagem ou um ficheiro relevante para demonstrar como os seus alunos devem publicar.

- Partilhe o padlet com os seus alunos. Utilize um link partilhável ou o código QR no painel de partilha.

Avançado

URL

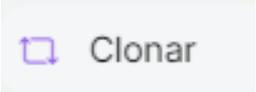
my_custom_url

padlet.com/ana50297090/mapa-kqr2kaw5du2m4yx2 [Copiar](#)

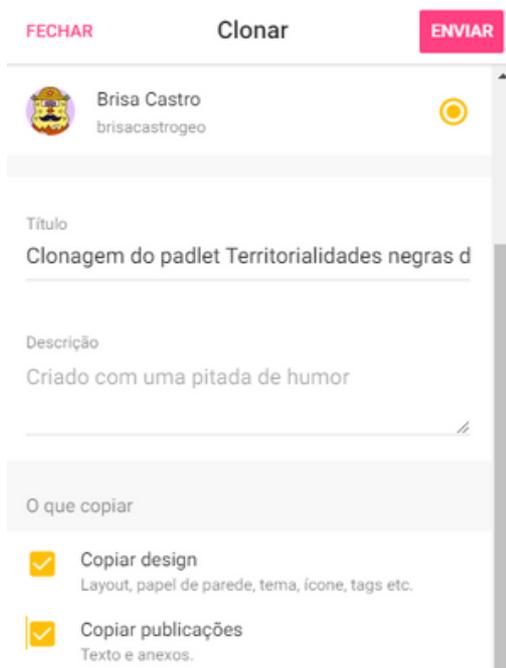
- Faça uma breve explicação da forma de inserir os pontos de interesse

Para replicar o padlet:

- Na barra lateral direita da tela clique no ícone e 

- Replique o padlet no ícone 

- Configure o padlet replicado a partir dos pontos que você deseja abordar nas aulas.



Para adicionar os pontos:

- Para adicionar mais pontos de interesse clique em  no canto inferior direito da tela.
- Usando o buscador, busque o seu ponto de interesse e crie as agulhas  no mapa.

Para adicionar os pontos:

- Para adicionar mais pontos de interesse clique em  no canto inferior direito da tela.

- Usando o buscador, busque o seu ponto de interesse e crie as agulhas no mapa. 



- Escolha algum tipo de material (vídeo, foto, documento em PDF, desenho, música etc.) para servir como apresentação do ponto escolhido e escreva uma legenda.



- Imprima o mapa completo final e compartilhe o link/ QR code para acesso de toda a comunidade escolar.



Considerações finais

A aplicação de uma sequência didática com o samba e a cidade como tema central para o estudo da geografia urbana, destacando os indivíduos negros como protagonistas na produção do espaço urbano, é uma prática interessante. Esse tipo de atividade é fundamental para construirmos saberes antirracistas no cotidiano escolar, não nos limitando a datas específicas, mas centralizando os negros como agentes na produção do espaço, o que dissipa a ideia de que somos passivos nos processos históricos e na construção do espaço.

A sequência didática foi elaborada para uma turma de 2º ano do ensino médio em regime integral, o que permitiu sua realização em uma turma menor, favorecendo a utilização de espaços da escola como a sala de leitura, a sala maker e o auditório. Essa escolha também se relacionou com a saturação que os alunos apresentavam em relação às aulas expositivas tradicionais.

O trabalho foi desenvolvido ao longo de 12 aulas, abrangendo a maior parte das 20 aulas ministradas no bimestre. Recomenda-se que o professor apresente conceitos de geografia urbana de forma geral antes de iniciar a sequência, para que os estudantes tenham um repertório inicial que os auxilie no aprofundamento de temas como crescimento urbano, favelização, lugares de memória, direito à cidade e violência urbana, entre outros conceitos abordados na sequência. Houve adaptações, com aumento ou redução do tempo, de acordo com a interação da turma durante as atividades e a necessidade de revisão dos conteúdos.



Segundo Antoni Zabala (1998), nesse tipo de sequência "o papel fundamental do professor consiste em incentivar a participação. Se não houver participação, o processo será seguido apenas por alguns, embora haja a falsa impressão de ser um processo coletivo" (p.72). Portanto, é fundamental que o professor esteja atento à participação dos alunos e incentive a participação de todos no processo. Uma limitação desse trabalho foi o tempo de aplicação, pois acredito que muitas outras questões e reflexões sobre o urbano e suas dinâmicas poderiam surgir e ser debatidas se houvesse mais tempo para a realização do trabalho.

Todas as aulas foram baseadas em debates, onde a produção de conhecimento estava fortemente ancorada nos temas que mais interessavam aos alunos e nos quais eles se empenharam em debater e formular reflexões mais ou menos aprofundadas. Embora considere isso uma grande virtude do trabalho, pode ser, se não mediado adequadamente pelo professor, um momento em que o diálogo seja atravessado por tantas questões que haja dificuldade em retornar aos objetivos propostos pela atividade.

Destacar as geografias negras nas cidades também é destacar resistências, expressões culturais e estratégias de sobrevivência. É importante que a geografia escolar se envolva em uma "geografia popular", como dito pelos poetas Edinho Oliveira, Marquinhos de Oswaldo Cruz e Arlindo Cruz em seus versos, onde a geografia é construída a partir das vivências no sacolejar dos vagões do trem, na ginga dos malandros, no samba das passistas, na cozinha das tias e nos sonhos das crianças e jovens em vivenciar o espaço geográfico em sua plenitude.

Essas geografias negras e populares são fontes de conhecimento para a luta pela emancipação e cidadania das populações marginalizadas. Portanto, é necessário dialogar com a cultura popular e discutir a complexidade das contribuições desses saberes para a produção da geografia escolar. Entendo que ao reconhecermos essas geograficidades, estamos dialogando e valorizando o conhecimento das comunidades onde atuamos, promovendo uma autopercepção positiva de suas tradições, valores e culturas.



Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. IPLAN RIO, 1987.

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. (orgs.). **Pelos caminhos do Jongo e do caxambu: história, memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008. Disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pelos_caminhos_do_Jongo.pdf Acesso em: 10/09/2023.

BARBOSA, Jorge Luiz. Atlântida negra: a utopia da cidade afro-brasileira nas paisagens estéticas de Heitor dos Prazeres. XVI Colóquio Internacional de Geociências. Barcelona, 2016.

BRITO, Carlos. **Rio 455 anos: Obras recriam a ocupação urbana desde a fundação; veja o antes e o depois**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/01/rio-455-anos-obras-recriam-a-ocupacao-urbana-desde-a-fundacao-veja-o-antes-e-o-depois.ghtml>>. Acesso em: 17/10/2023.

IPHAN. DOSSIÊ. 5. Jongo no Sudeste. Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_jongo_no_sudeste\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_jongo_no_sudeste(1).pdf) Acesso em 22/09/2023

IPHAN. Matrizes do samba do Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba enredo (IPHAN Dossiê;10). Brasília, DF, 204 p, 2014.

IPHAN. Página inicial. Patrimônio Cultural. Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN 2014b Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em 23/03/2024



IPHAN/MINC. Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro. Proponente: Centro Cultural Cartola. Supervisão e financiamento: Iphan/MinC. Apoio: Seppir – Fundação Cultural Palmares. Rio de Janeiro, 2007

LABORATÓRIO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. **O Filme Remoção e Relatos da Moradia Arrancada.** Disponível em:

<http://www.lacon.uerj.br/novo/index.php/2019/02/20/o-filme-remocao-e-relatos-da-moradia-arrancada/> Acesso em: 27 mar. 2024.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. Selo Negro Edições, 2014.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. Dicionário da história social do samba. Editora José Olympio, 2015.

MUNDO NEGRO. **Tia Maria - A Guardiã do Jongo da Serrinha.** Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/tia-maria-a-guardia-do-jongo-da-serrinha/> Acesso em: 27 mar. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Wallace Lopes (Org.). Sambo, logo penso : Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba. Rio de Janeiro: Hexis:Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

SILVA, W. L. GEOSAMBALIDADE: As máquinas de guerra do espaço racial. COSMOS E CONTEXTO , v. 1, p. 1-33-1, 2020.





SILVA, A. L. B. da. . Os Transportes Metroferroviários e o Processo Urbano no Rio de Janeiro. Chão Urbano (Online) , v. 4, p. 1-21, 2012. Disponível em:

<http://www.chaourbano.com.br/visualizarArtigo.php?id=59> Acesso em 23/10/2023

SILVA, Paula. Raça e cidade: a produção do espaço urbano sob a ótica das relações sociais na cidade do Rio de Janeiro – século XIX. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

SILVA, Catia Antonia. Andreilino Campos - do quilombo à favela, do espaço periférico segregado à teoria do sujeito e a análise do lugar do negro na segregação socialmente induzida. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 12, n. 34, p. 13-31, 2020.

TAVARES, Julio Cesar de S. Diáspora Africana: A experiência negra da interculturalidade. Cadernos PENESB , v. 10, p. 77-85, 2010.

VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio. Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/read/485316911/Serra-Serrinha-Serrano-O-imperio-do-samba> Acesso em 20/10/2023

PAULO DA PORTELA: O teu nome não caiu no esquecimento. Direção e Produção de Demerval Netto. Roteiro: Nick Zarvos. Rio de Janeiro: Cultne, 2001. 1 vídeo (55 min e 15 s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDRxlxD45Ms>

SILAS DE OLIVEIRA, 100 anos. Direção, roteiro e entrevistas: Pedro Paulo Malta. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. 1 vídeo (21 min e 39 s.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RT_hN_75QGg

WERNECK, Jurema. O samba segundo as lalodês: mulheres negras e cultura midiática. Hucitec Editora, 2020.





WERNECK, J. <https://www.youtube.com/@PPGSCIMSUERJ>

As Ialodês do Samba Segundo Jurema Werneck. YouTube, 15 de junho de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KbJMka_OMFE

Acesso em 20/03/2023



AUTORES

Ana Brisa Cosmo de Castro



Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. É professora da rede estadual de ensino do estado do Rio de Janeiro (SEEDUC), onde trabalha com Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Regular. Tem experiência em Geotecnologias e Análise ambiental. Pesquisa na área de Educação, Cultura e Relações Étnico-raciais .

Lincon Tavares Silva



Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atuou como docente nas redes públicas Municipal e Estadual do RJ. É Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Especializou-se em Políticas Territoriais no Estado no Rio de Janeiro (UERJ). Como professor atuou no CAP-UERJ e, atualmente, é Professor Associado do IGEOG/DGF da UERJ. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação e produção de sentidos, ensino da geografia, formação de professores, geografia e educação ambiental, gestão e administração escolar, relação escola-comunidade e educação a distância. Atua junto à Educação Básica e às formações docentes inicial e continuada. Também é Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia -PPEG), no Instituto de Geografia e do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do CAP-UERJ.



FAZERES

A linha editorial FAZERES destina-se a divulgar produtos educacionais voltados ao estudante da Educação básica em que observe inovadorismo no desenvolvimento de práticas pedagógicas e pertinência na abordagem de objetos de aprendizagens.

Perfil do autor: profissionais de educação;

Público-alvo: estudante da educação básica.

